

Diálogos da rua – Uma cartografia dos sentidos e usos do Centro de Belo Horizonte¹

Autoras:

- Profa. Dra. Regina Helena Alves da Silva – Depto. de História Fafich/UFMG;
- Mestre Cláudia Graça da Fonseca – Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG.²

Apresentação

O Hipercentro³ de Belo Horizonte é o ponto privilegiado para a expressão da heterogeneidade que caracteriza a cidade. É nesse espaço que pessoas dos mais diferentes e distantes bairros podem se encontrar e desenvolver atividades políticas, artísticas e culturais. Apesar disso, a área central de Belo Horizonte cada vez mais é representada como lugar de passagem. As pessoas “descem” para a cidade – o Centro – para fazer compras, ou passam pela região apenas como um ponto do caminho para outros lugares. Poucos são aqueles que passeiam pelo Centro ou caminham nesta região dando maior atenção às suas características e particularidades. A sua dimensão como espaço público, de encontro, convívio social fica assim despercebida.

A metodologia aqui proposta distingue territórios preexistentes, reconhece e registra formas, coordena e assegura a viagem entre os diversos caminhos possíveis de se percorrer. Possibilita acompanhar os movimentos, perceber entre sons, imagens e textos a composição e decomposição dos territórios, e também as maneiras pelas quais se criam novas interpretações das mesmas paisagens. A cidade passa a ser abordada como um espaço de comunicação, de produção de “mensagens” que marcam muros, portões, fachadas, postes, ruas; e/ou como lugar instituidor de trajetos; e/ou, como um lugar de muitos ruídos, espaço polifônico; e/ou, como um conjunto de citações que dizem dos habitantes da cidade.

Temos então uma interação entre a topologia do espaço, os trajetos desenhados pelo percurso dos usuários da cidade e os signos que vão sendo inscritos nos suportes urbanos. Pensamos assim em uma escrita da cidade enquanto um conjunto de textos que atuam na vida dos cidadãos e participa da constituição de um “diálogo público” onde o espaço físico é preenchido por um vocabulário que se declina a partir de diferentes “lugares” e de variadas práticas. Como essas práticas são relacionais, pois se desenvolvem sob um espaço comum,

¹ Trabalho apresentado ao NP Comunicação e Culturas Urbanas, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Este trabalho foi realizado com a participação das pesquisadoras Milene Migliano e Carmela Campici.

³ O Hipercentro está localizado na Região Centro Sul da cidade de BH e corresponde a uma unidade de planejamento municipal. Durante o primeiro século de existência da capital mineira esta região, conhecida como Centro, teve grande importância na vida social, econômica e cultural da cidade. Atualmente passa por diversas transformações e tem sido objeto de diversos projetos de intervenção. Neste trabalho vamos nos referir a este espaço como Centro que é a denominação utilizada pelos moradores de BH.

sua interpretação depende do contexto no qual se inscrevem. Igualmente, elas são orientadas segundo a localização; todavia, ao mesmo tempo que esses lugares modificam o sentido das práticas, eles são simultaneamente transformados por ela.

Durante a pesquisa o Centro apareceu enquanto lugar público que comporta toda sorte de atores individuais e coletivos, usos territoriais institucionalizados e cotidianamente configurados, memórias e discursividades diversas, sentidos atribuídos e construídos, experiências e experimentações, apropriações simbólicas e concretas. E que, também, simultaneamente, comporta uma rede complexa e intensa de relações sociais – antagônicas, complementares, paralelas, convergentes, consensuais, conflitantes; refletindo diferentes padrões de diálogo e negociação.

Observar e percorrer traços dessa rede foram uma tentativa de compreender esse lugar como um território conformado dialeticamente por dimensões espaciais e dimensões culturais. Um lugar que transcende sua estrutura física, suportando também um emaranhado de significados em fluxo. Nesse sentido, essa rede configura-se como – mesmo em seus contextos mais simbólicos – um conjunto dinâmico e multiplicador de realidades concretas. São práticas e representações sociais que são (re)significadas à medida que interagem com esses espaços e todas as suas combinações.

No momento em que o Centro de BH passa por intervenções, requalificações e revitalizações o projeto buscou outras possibilidades de pesquisa da memória social e urbana. Propusemos uma abordagem que conduz a um encontro de especial subjetividade com a cidade: olhá-la como cidade vivida, interiorizada e projetada por grupos sociais que a habitam e com suas relações de uso que não só a percorrem como também interferem nas formas de circulação e nos sentidos determinados de fluxos criando outros e redirecionando-os. A cidade percorrida como um mapa pode ser um acúmulo de objetos, monumentos, ruas, painéis de escrita, textos oficiais, passagens, sons, imagens que se transformam e ensinam através da experiência.

Buscamos a pluralidade de sentidos produzidos e em produção na região do Centro de Belo Horizonte. Interessou-nos, sobretudo aqueles à margem dos processos culturais, sociais e políticos hegemônicos e que são na maioria das vezes desconsiderados por serem banais e fragmentados. A diversidade de sons, escritos, sinais, conversas que se processam neste local provoca nos sujeitos muitas vezes indiferença ou incômodo. As operações de intervenção neste espaço, por parte daqueles que detêm o poder de viabilizá-las, frequentemente têm como conseqüência o apagamento destas expressões ou a diminuição desta diversidade, mesmo quando isto não está explicitado como objetivo. Estes apagamentos buscam muitas vezes o embelezamento, a harmonização e a limpeza do espaço público e são realizados a partir do

olhar dos responsáveis pela sua manutenção, sem que o conteúdo destas expressões seja levado em consideração. O objetivo deste trabalho é realizar uma operação oposta e levar em consideração estes sinais como expressões da diversidade que mantém vivo este espaço. Para tanto, vamos tomá-las como gestos significativos que constituem em sua fugacidade expressões comunicativas dos que usam e se apropriam do espaço do Centro.

Cartografia de sentidos - uma metodologia de abordagem da rua

O nosso ponto de partida foi uma apropriação da metodologia de derivas usada pelos situacionistas⁴. No decorrer do trabalho fomos aos poucos reconfigurando esta ferramenta e adaptando-a aos objetivos do projeto, já que o nosso caminhar pela cidade tinha rumos definidos por reflexões realizadas pelo grupo de pesquisa. A partir do mapa oficial, o Centro da cidade foi dividido em nove zonas de visita, para que cada zona fosse percorrida e cartografada em um dia. Denominamos o percurso realizado em cada uma das zonas de visita de deriva. Com o tempo estas zonas foram sendo redivididas e percorridas em um ou dois dias, por uma equipe de vários pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento. A divisão foi pensada a partir da localização das entradas e saídas do Centro, como os pontos de ônibus, as estações de metrô, a rodoviária, as pontes e viadutos e as grandes vias de acesso. Dessa forma entendemos que percorreríamos o local observando os deslocamentos e os usos atribuídos pelas pessoas que o vivenciam cotidianamente: a ida ao trabalho, ao lazer, ao estudo, ao outro ponto de ônibus, aos serviços da cidade, às lojas, a casa. As impressões de cada pesquisador eram coletadas em cadernos de campo e levadas para discussões em grupo. As nossas derivas foram realizadas paralelamente às discussões e foram fundamentais para o desenvolvimento das reflexões.

O objetivo foi captar os sentidos que as pessoas imprimiam ao espaço público⁵ ao se apropriar dele para seus múltiplos usos, independente da sua institucionalidade ou da sua marginalidade. Encontramos uma cidade onde a diversidade cultural e as diferenças sócio-econômicas são comunicadas e tensionadas em uma profusão de mensagens. Elas podem ser expressões de grande mídia, como a publicidade nos outdoors, nas paredes dos prédios, nos

⁴ Os situacionistas tinham uma tese central de que através da construção de situações chegaríamos a transformação revolucionária do cotidiano, e a psicogeografia, em conjunto com as derivas, eram uma tentativa de se construir uma metodologia desalienante, para chegar a esta revolução cultural. “Para tentar chegar a essa construção total de um ambiente, os situacionistas criaram um procedimento, ou método, a psicogeografia, e uma prática, ou técnica, a deriva, que estavam diretamente relacionados. A psicogeografia foi definida como um ‘estudo dos efeitos exatos do meio geográfico, conscientemente planejado ou não, que agem diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos’. E a deriva era vista como um ‘modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica da passagem rápida por ambiências variadas. Diz-se também, mais particularmente, para designar a duração de um exercício contínuo dessa experiência.’ (...) A deriva seria uma apropriação do espaço urbano pelo pedestre através do andar sem rumo.” (JACQUES, 2003, 22).

⁵ Espaço público aqui é definido como o espaço de uso comum e compartilhado. No caso desta pesquisa, são as ruas e praças do Centro.

pontos de ônibus, nas páginas dos jornais, nos painéis eletrônicos, ou apropriações de todos estes elementos. Podem constituir ainda fenômenos comunicativos diversos, como as pichações nos muros, uma conversa com o engraxate de sapato, um rabisco dentro do ônibus, uma intervenção artística, uma manifestação política, uma feira, um ponto de encontro, uma festa popular, uma comunidade virtual, etc. Essa pluralidade que emerge da dinâmica da vida cotidiana se materializa no espaço urbano sob a forma de fronteiras físicas e simbólicas, constituindo redes e articulações coletivas e/ ou compartilhadas que movimentam a cidade.

Devemos ressaltar que esse movimento característico dos espaços urbanos contemporâneos tem dinâmica multidimensional, potencializadora da diversidade e atravessada por contradições significativas entre o todo e a parte, o global e o local, o público e o privado. Contradições que são construídas em função dos arranjos e negociações que vão se estabelecendo no processo de usar este espaço em comum que é a rua de uma grande cidade.

“O espaço, sem dúvida, é testemunha e veículo desta dinâmica. Nele são travados combates, estão cicatrizes de lutas, erguem-se monumentos ao novo tempo e através de seus signos há a realização simbólica [e material] daquilo que comumente se concebe como ‘vida moderna’. Em síntese, no espaço estão os signos da permanência e da mudança, e são vividos os ritos da ordem e caos, da disciplinarização e dos desregramentos. Seus múltiplos sentidos são vivenciados, a cada instante, nos mais diferentes lugares do planeta”. (HAESBAERT, 2002, 81).

A cidade é um espaço polifônico, “que se comunica com vozes diversas e todas co-presentes” (CANEVACCI, 1993; 15), porque é viva, dinâmica e, desde sua concepção inicial, um espaço público privilegiado, onde os sujeitos estão em (des)encontro constante, a estabelecer potências de sociabilidade, modificando as possibilidades de comunicação e interação vivenciadas no cotidiano. A rua é o espaço público, o espaço comum, de acesso irrestrito e convivência de diversidades, que se estende do compartilhado ao coletivo e onde se materializam conflitos, disputas, e negociações. É o espaço da luta política, da luta pela apropriação, dos usos e ocupações, dos vínculos afetivos, das táticas que vão se delineando ao longo da história, produzindo práticas e discursos que integram a dinâmica social e seus processos de reprodução, transformação e manutenção. Um espaço privilegiado para a legitimação e circulação de saberes e sentidos, tanto quanto para a constituição identitária e subjetiva – individual e coletiva. É, ao mesmo tempo, um espaço de pretensões universais, que, ao menos em definição, garante acesso e participação igualitários a todos.

“Compreender as representações do espaço é atingir as razões que impulsionam os homens a uma forma de vida partilhada e coletiva, onde os processos de percepção não se deixam entender de imediato, porque ultrapassam a lógica linear e causal das estruturas funcionais. Ao contrário, estas representações são muitas vezes irracionais, espontâneas e próximas do caos e não se deixam apreender nos programas agenciados de modo calculado.” (FERRARA, 2002, 97).

Assim, quando se tem em mente discutir a rua do Centro de Belo Horizonte e as dinâmicas que nela têm lugar, um primeiro aspecto a se considerar é a sua complexidade, marcada, por

um lado, pela natureza do objeto que se tem em mãos e, por outro, pelo desafio lançado pela proposta deste estudo. Mergulhamos no cotidiano da cidade e para estudar seus produtos, fluxos e apropriações nem sempre visíveis, mas que, contudo animam e reconfiguram a sua imagem imediata ou institucionalizada.

Redes Urbanas : articulações entre o virtual e o concreto

Com a rede Internet surgiu um instrumento capaz de formar conhecimento colaborativo e de entrelaçar subjetividades em comunidades, aglutinando pessoas de diferentes formações culturais, filosóficas e religiosas numa comunicação que prescinde da presença física para o estabelecimento de grupos. Inovação nas formas de presença, de interação social e de negociação de significados, comunicação dialógica, fluxo de informações, co-presença (entendida como fator essencial para interação em ambientes colaborativos), estações ou sítios de encontro, são formas, conceitos, sinais de como o mundo da internet tenta ser analisado. As metodologias de pesquisas para a compreensão de espaços/lugares/tempo são rediscutidas já que temos que apreender coisas em movimento... Lugares que se fazem e se desfazem.

Enfim, o desafio que o mundo social da rede Internet nos traz pode começar a ser pensado a partir de uma reflexão sobre uma lógica distinta dos atores coletivos no uso das Tecnologias da Informação e Comunicação. Para isso temos uma possibilidade na própria rede já que ela com as plataformas para projetos colaborativos e interdisciplinares, pode ser uma estratégia para vencer primeiramente a segmentação teórica das diferentes especialidades. A estratégia metodológica de enfrentamento do desafio colocado pelas práticas sociais em contextos digitais só pode ser enfrentado a partir de estudos que entrelacem várias áreas do conhecimento. Os estudiosos das cidades passaram a enfrentar um desafio próximo a este há algum tempo atrás. Há algumas décadas os processos de industrialização e a cultura do trabalho, os novos produtos e as relações sociais populares geradas pelas cidades e o impacto da mídia de massa começam a trazer desafios para os pesquisadores sociais.

A confrontação de trabalhos científicos com atores sociais e com as políticas de organizações públicas e da sociedade civil imprime outros signos às pesquisas acadêmicas. Ao se investigar os lugares de interseção entre o hegemônico e o subalterno, entre o macro-urbano e a vida cotidiana, entre as instituições e seus usuários, se captou a pluridimensionalidade e a pluridirecionalidade dos processos sociais, assim como as negociações e os enfrentamentos.

Em um primeiro momento o avanço das investigações sobre os movimentos sociais urbanos tinha seu enfoque nas contradições gerais da chamada “cidade capitalista”. O declínio dos movimentos sociais mais politizados e o posterior surgimento de outros movimentos e redes (ecologistas, jovens, mulheres, etc.) trouxeram uma percepção mais complexa das culturas

urbanas. Também a expansão das indústrias culturais e o desenvolvimento dos estudos de comunicação e antropologia sobre elas levam a percepção de que as relações identitárias e de solidariedade local se entrelaçam com os comportamentos de apropriação dos espectadores e dos consumidores.

Passam a ser cada vez mais utilizados marcos teóricos e estratégias metodológicas da sociologia, geografia, história, antropologia e comunicação que mostram a importância do local, da territorialização de práticas sociais e estas formas de pertencimento entrelaçadas aos consumos transnacionais de bens simbólicos industrializados.

Uma das consequências teóricas desta polifacetada ampliação das análises sobre o espaço urbano contribuiu para se conceituar as cidades como um processo mais complexo de articulação das culturas.

Esta noção de um espaço de articulação é fundamental para tentarmos chegar à questão das redes sociais. Porque neste lugar as redes, durante quase todo o tempo, são estruturas invisíveis, informais, tácitas. Elas, tanto nas cidades quanto na Internet, perpassam os momentos da vida social, mas praticamente não se dão a ver - são o conjunto de "conexões ocultas", como diria Capra; ou a "estrutura submersa", nas palavras de Alberto Melucci. Na prática social, cada uma das pessoas possui muitos círculos de relacionamento, mas não sabem quantos eles são ou como identificá-los. Na verdade, as pessoas, de modo geral, só vêem a rede quando precisam dela.

Esse aspecto é muito importante para a compreensão de uma característica específica das redes sociais (e por extensão de todas as redes). Redes são fenômenos coletivos, isto é, sua dinâmica implica relacionamento no âmbito dos grupos, sejam eles conjuntos de proteínas, células, espécies, sítios na internet, pessoas ou comunidades. A rede aparece quando é acionada, a dinâmica das redes é o resultado da ação de conexão de muitos em interação produtiva. Nesse sentido é que a referência à comunidade tem absoluta pertinência no campo das redes sociais.

Ao invés de uma concepção de comunidade associada a algum grau de permanência ou vínculo estável (como a um território ou a uma tradição), a rede opera como uma espécie de "comunidade em trânsito" ou "comunidade móvel".

A partir desta noção a investigação sobre as significações que se dão aos espaços da cidade primeiramente nos diz sobre as identidades urbanas. E, em segundo lugar, o estudo das sociabilidades nos informa sobre as diversas culturas que conformam os lugares urbanos e, também, sobre a reprodução ou a reinvenção dos laços sociais nos universos densos, abertos e heterogêneos das sociedades contemporâneas.

Então, partir da *Cartografia de sentidos* duas possibilidades começam a ser apontadas pela inter-relação teórica metodológica dos estudos sobre as redes urbanas culturais e as redes sociais na internet: comunidade em trânsito ou comunidade móvel – movimento que conformam os links, os fios que conformam os laços de pertencimento que se fazem e se desfazem; territórios de negociação – lugar virtual constituído pelo conflito social onde se dão as possibilidades instantâneas de encontros de interesses.

Assim é possibilitada uma compreensão de uma cidade que oscila entre o visível e o invisível a partir da tensão entre a cidade experimentada fisicamente e a cidade imaginada. Entendemos que vivemos em cidades porque nos apropriamos de seus espaços, suas casas, parques, praças, ruas, viadutos, canais. Também não percorremos a cidade apenas com os meios de transporte, mas também com relatos e imagens que conferem aparência de realidade ao invisível: mapas que inventam e ordenam a trama urbana, discursos que representam o que ocorre ou o que pode acontecer na cidade segundo são narrados por novelas, filmes, jornais, televisão, etc. Fantasias heterogêneas tornam a cidade mais densa. A cidade programada para funcionar, planejada, projetada em quadriculados, se multiplica, transborda em narrativas ficcionais individuais e coletivas. Esta distancia entre modos de habitar e modos de imaginar se manifesta em qualquer comportamento urbano. É nas derivas, nas viagens cartográficas pela cidade que irrompe o desajuste entre o que se vive e o que se imagina.

O desenvolvimento dos meios tecnológicos de comunicação possibilitou a transformação da cidade numa babel imagética de outdoors, luminosos, anúncios, telas com imagens em movimentos. Este excesso torna a cidade invisível aos nossos olhos. No entanto, no decorrer das derivas fomos recolhendo expressões cuja potência comunicativa resulta de uma relação com o excesso. Estas expressões coexistem e resistem ao excesso da cidade. Dialogam com as formas estabelecidas e tiram sua força destes confrontos. São formas comunicativas que aparecem e desaparecem na cidade, que expressam opiniões e marcações de seus habitantes e que processam uma apropriação do espaço urbano. São processos que não estão apenas à margem das formas institucionalizadas de comunicação, mas também à margem da cidade, isto é, dos processos de decisão da vida da cidade. Eles abrem uma brecha no tecido urbano para expressão de posicionamentos que não tem espaço legitimado para ocorrer. Assim, instituem lugares de encontro daqueles que compartilham o espaço do Centro no cotidiano.

Recolhemos para a nossa análise os registros de formas de comunicação que acontecem no Centro e que são expressão deste fenômeno. Nossos esforços se farão no sentido de compreender os atores, processos, diversidades e fluxos envolvidos nesta dinâmica de antagonismos e negociações das redes comunicativas na malha urbana. Para tal recortou-se

duas categorias de redes de comunicação que emergem na dinâmica do Centro de Belo Horizonte: uma constituída por “notificações”, imagens e textos colados em paredes e muros da região, conformando diálogos públicos e outras virtuais, embora não menos concretas, constituídas por comunidades do Orkut. Estes dois espaços de interação são constitutivos da cidade e se tornam fundamentais para a compreensão da correlação metodológica que estamos propondo. Entender como determinados espaços vão se constituindo em lugares do diálogo a partir de práticas comunicativas passa pela decodificação de espaços quase que invisibilizados para a maioria das pessoas. Como o espaço é múltiplo e está em constante movimento, a captura de significados só é possível a partir da compreensão de que o espaço urbano em questão, a rua, não é usado apenas para a circulação. Existe a possibilidade de transformação destes espaços de fluxos em espaços apropriados pelos seus usuários, desta maneira os espaços de circulação da cidade se tornam espaços públicos de sociabilidade.

O trabalho de cartografar os sentidos atribuídos pelos sujeitos aos espaços da cidade nos demonstrou que as transformações decorrentes da compressão dos tempos e espaços contemporâneos tornou uma grande parte de nossas representações do espaço obsoletas. Não se trata de pensar os sujeitos perderam o sentido, ou se desterritorializaram no sentido de não terem mais referências no espaço físico que ocupam, ou que elas estão perdidas, invisibilizadas na/pela multidão. Trata-se de saber que as representações da cidade contemporâneas são mutáveis a cada instante e que os mapas contemporâneos são instantâneos espaço-temporais, que não podem ter a fixidez como característica. Os mapas deveriam representar, ou melhor, dizendo, se relacionar com a cidade constituída por redes múltiplas. O espaço urbano, além de ser constituído por vias e edifícios, é atravessado por redes que não estão ali o tempo todo, elas se materializam no espaço cotidiano da cidade quando são acionadas pelos sujeitos e se desfazem passando a existir como virtualidade ou potência, quando não estão em uso.

Uma série de especificidades, sobretudo aquelas relacionadas ao aspecto virtual de constituição das redes enquanto territórios de negociação e das comunidades móveis fazem o Orkut e suas produções, insurgirem, na trama concreta e simbólica do Centro de Belo Horizonte, a partir de articulações distintas daquelas imprimidas e deslocadas pelos sujeitos no cotidiano. Alguns elementos apontam para uma outra dinâmica de apropriação espacial: a contínua materialização da rede digital em contraponto à característica latente dos encontros tradicionais; a dilatação temporal, uma vez que estas redes sociais podem ser acessadas e transformadas a todo o tempo, por diferentes grupos e atores, situados em qualquer lugar do mundo; a função de vitrine que as comunidades adquirem para a maioria dos associados e o

caráter lúdico da ferramenta. Neste sentido, o que observamos é que estas comunidades são atravessadas por aspectos que redefinem as formas e modos tradicionais de territorialização.

Os dois exemplos a seguir configuram redes de interações e relações com/no espaço da cidade: as “notificações” da Praça Sete e as comunidades em torno do Centro de BH no Orkut.

As notificações

Na Praça Sete de Setembro, que marca o centro da cidade de Belo Horizonte e nas suas imediações⁶ notamos a partir de 26 de agosto de 2005, que folhas de papel no tamanho A4 passaram a ser coladas periodicamente contendo mensagens dirigidas ao público. São cartas endereçadas a quem passa pela rua, com o título “Utilidade Pública” ou comentários acompanhados de recortes/xerox de manchetes ou partes de notícias de jornais, que pautam o tema comentado na mesma folha pelo escritor anônimo; estas mensagens são chamadas de notificações pelo escritor.

Os comentários são sempre endereçados a um leitor qualquer, através do uso de vocativos, “é minha gente”, “gente, gente”, “minha gente”, “meus amigos” ou através de frases imperativas, como “gravem bem” ou “cuidado com elas”. Em algumas destas notificações, outros anônimos vêm fazendo intervenções, sejam correções no texto, seja incentivando o anônimo-comentarista a escrever mais, utilizando canetas ou lápis. Os gestos apontam para a constituição de outras redes na cidade, marcadas pela constante negociação de territórios.

A tendência do diálogo público aparece aqui expressa. Quem anotou a palavra apoiado compactua das mesmas idéias desenvolvidas no texto e encontrou ali espaço de inter-relação e troca. Marca um lugar na rede urbana, com um tempo móvel, onde os encontros ultrapassam sua versão presencial e encontram no simbolicamente compartilhado um espaço para o debate e a construção de outras formas de sociabilidade e de experiência do cotidiano da cidade.

As notificações tratam dos mais variados assuntos: igreja, futebol, política, homossexualidade, jovens, sacolões do centro, prisão de ladrões, eficácia da polícia, má-educação nos ônibus da cidade, a situação do idoso. Dependendo da situação exposta por suas notificações, o escritor anônimo se afirma politicamente interessado neste ou naquele assunto, fixando-se como personagem deste tempo-espaço da situação do texto, utilizando esta ou aquela roupagem social. Assim, ele às vezes modifica sua condição identitária de “um cristão” para “ex-metalúrgico, 76 anos”, para “ex-metalúrgico 76 anos aposentado mensalinho”, para “ex-eleitor”, para “ass: um desconhecido, ex-metalúrgico aposentado ‘76 anos’ de idade”. A cada nova assinatura, ele joga

⁶ Rua Carijós, Rua Tupinambás e Avenida Amazonas.

com as territorialidades, concentradas e expostas no Centro, e abre possibilidades de relações com o outro.

Quando alguém passa, lê um comentário acerca de um crime ocorrido (nos recortes de jornal) e escreve alguma coisa, como “só Jesus Salva”, este alguém está imprimindo seu ponto de vista com relação ao que o escritor anônimo escreveu. Ao fazer isso, negocia um lugar na folha escrita e na leitura dos outros passantes, imprimindo suas marcas na cidade. Além do diálogo explícito ao escrever um comentário, fazer uma correção ortográfica ou um pedido nas notificações entendemos que rasgar parte ou o todo das folhas também constitui parte do diálogo, assim como pintar os tapumes das obras de um museu da região. A ação de impossibilitar outros de ler a mensagem se configura como uma parte do diálogo que silencia.

Com o passar das semanas percebemos algumas modificações com relação à forma das notificações. Algumas se assemelham muito a cartas endereçadas aos passantes. No topo da página o título “utilidade pública”, abaixo o texto. Já em algumas notificações recortes de manchetes da página de jornal são coladas no topo, ocupando um espaço de título, e os comentários são escritos abaixo. Em outras, a colagem com recortes de jornal e sua articulação com o texto passou a tomar o corpo de notícias de jornais. Em outras ainda, ele passou utilizar apenas fotos e legendas de jornais e a escrever sua notícia abaixo e ao lado, como em uma página de jornal.

As notificações são, em nosso entender, um uso, uma maneira de consumir o jornal. Este consumo se assemelha ao que Certeau chamou de *táticas*, aquilo que emerge da cidade, como gestos, potências comunicativas dos que não agenciam e não participam do processo de criação da grande mídia, a não ser como consumidores.

“Na realidade, diante de uma produção racionalizada, expansionista, centralizada, espetacular e barulhenta, posta-se uma produção de tipo totalmente diverso, qualificada como ‘consumo’, que tem como características suas astúcias, seu esfrelamento em conformidade com as ocasiões, suas ‘piratarias’, sua clandestinidade, em suma, uma quase-invisibilidade, pois ela quase não se faz notar por produtos próprios (onde teria o seu lugar?) mas por uma arte de utilizar aqueles que lhe são impostos.” (CERTEAU, 1994, 94)

Estas intervenções urbanas, que se constituem como manifestações comunicativas, aparecem na cidade e se apropriam dos elementos formais da mídia hegemônica e da cidade planificada, “produção racionalizada” que é o espaço urbano. A utilização do recorte de jornal, com suas manchetes, na constituição das notificações, a utilização de perguntas e frases imperativas e apelativas, nos remetem a campanhas publicitárias, aos programas televisivos populares, que abordam a cidade. Mas ao mesmo tempo, endereçam suas ações comunicativas aos que estão ali, próximos delas, experienciando o mesmo cotidiano. Elas obtêm sucesso através do uso de questões direcionadas, utilizando vocativos que se remete a quem passa por estes lugares a pé,

pára, lê e se posiciona, produzindo sentidos. E às vezes responde, entendendo a possibilidade de passar a fazer parte desta rede comunicativa.

As comunidades na Internet

Identificamos no Orkut⁷ algumas comunidades que tem o Centro de Belo Horizonte como tema. Entre elas, selecionamos duas como nosso objeto: “Eu odeio o Centro de BH” e “Eu amo o Centrão de BH”. Tanto quanto as redes materializadas e dinamizadas no tecido urbano de Belo Horizonte, as comunidades virtuais constituem-se como um nó a mais na rede de interações da cidade configurando-se como um dos recortes centrais para a compreensão dos fenômenos comunicativos e de rede, sobretudo, em sua dimensão de construção/desconstrução de sentidos.

Cada usuário do Orkut possui uma conta e um perfil próprios e apenas aquele que é convidado por um usuário pode criar uma conta. A comunidade que conduziu o presente estudo a se apropriar do Orkut e de suas comunidades como elementos desta rede urbana de comunicação e construção de sentidos sobre a cidade foi a "Eu odeio o centro de BH". Encontrar esta comunidade acabou nos levando à pesquisa de outras comunidades semelhantes e ao encontro da comunidade 'Eu amo o Centrão de BH', que funcionou como contraponto. Começamos a observar seus fóruns de discussão e constatamos que as comunidades realizavam uma cartografia de sentidos, a partir de estímulos de seus próprios membros. Neste texto apresentaremos alguns aspectos da comunidade “Eu odeio o Centro”, pois esta se constitui em exemplo das tensões e conflitos que seus membros experimentam na interação com a cidade.

A comunidade “Eu odeio o Centro de BH” foi criada em 2 de junho de 2004 e incluída na categoria “Cidades e Bairros”, é do tipo pública e, apesar de contar com alguns fóruns anônimos, o tipo de fórum especificado na lista de identificação da comunidade é não-anônimo. Em 21 de dezembro de 2005 a comunidade contava com 920 membros, era ilustrada por uma foto do Pirulito da Praça Sete e descrita da seguinte forma: “Para quem mora em BH e odeia ir ao centro pra resolver qualquer coisa! A pé tem que ficar esbarrando em todo mundo! E de carro se segurando pra não atropelar o povo na rua!”. Os fóruns abertos e as postagens que os seguem apresentam, em sua maioria, conteúdo depreciativo, que desqualifica e desvaloriza o centro enquanto lugar de convivência e, nesta medida, enquanto espaço público de diversidade e produção, encarando-o, no mais das vezes, a partir de comentários como: “o Centro fede”, “esbarrar em todo mundo é horrível”, “malacos

⁷ O Orkut é uma [comunidade virtual](#) afiliada ao [Google](#) e foi criada em [22 de Janeiro](#) de [2004](#).

assaltando a galera”, “(...) acho difícil escolher apenas uma rua mais feia daquele Centro terrível”, entre outros.

O acompanhamento das postagens, durante certo recorte temporal, permitiu ver que a comunidade constitui-se numa rede comunicativa que tem o Centro como objeto e permite aos seus membros compartilhar, através de troca que acontece no espaço virtual, a experiência cotidiana de viver o espaço concreto da cidade e apropriar-se dele atribuindo-lhe sentidos comuns. A operação demanda o compartilhamento com o outro e a comunidade é um dos caminhos possíveis, conforme expressa um de seus membros:

“ainda bem q criaram essa comunidade. pelo menos agora tenho com quem desabafar o meu ódio pelo centro. ainda bem que tenho q ir no centro uma vez no ano... tá muito ainda... nunca vi tanta gente feia junta... fedendo,esbarrando na gente!!! é a pior experiência!!!” Alexandre (4/112005)

A comunidade permite, no seu desenrolar, a manifestação e a troca de visões sobre lugar. A sua dimensão afetiva é intensa, mesmo sendo de caráter marcadamente negativo. A rede formada pela comunidade é um convite à expressão de preconceitos, na qual se manifesta o desagrado da experiência de viver o centro. O encontro permite o posicionamento dos indivíduos frente aos outros que compartilham a experiência. As falas postadas revelam um processo que é de atualização e de construção simbólica de imagens sobre o lugar. Na possibilidade aberta pela rede do Orkut, os indivíduos complementam o processo de apropriação do espaço através do compartilhamento destas imagens. O centro, lugar obrigatório de passagem dos sujeitos, aparece nela com suas cores, sons, cheiros e uma dimensão tátil. Ali, constrói-se simbolicamente, através da comunicação com o outro, as possibilidades de relação com o espaço completando assim a experiência de transformá-lo em lugar apropriado.

Os relatos postados pelos indivíduos na comunidade “Eu odeio o Centro de BH”, podem ser lidos como texto que narra a experiência de viver cotidianamente a cidade. No entanto, é preciso marcar a especificidade deste narrar. O texto que narra a cidade contemporânea é antes de tudo uma colagem de fragmentos, de sensações e vivências:

“Compreender uma cidade significa colher fragmentos. E lançar entre eles estranhas pontes, por intermédio das quais seja possível encontrar um pluralidade de significados. Ou de encruzilhadas herméticas.” (Canevacci, 1993, 35)

Esta colagem de fragmentos assemelha-se ao movimento de andar e captar o excesso de informações e imagens que nos assaltam na cidade. Processo similar vive o indivíduo que passa nas ruas do Centro de Belo Horizonte. Para que ele possa dar conta de reagir à intensidade de estímulos da metrópole é exigida esta operação de colagens de fragmentos e edição dos estímulos que a cidade oferece. O resultado nem sempre é uma decifração da

cidade e algumas falas encontradas nas comunidades do Orkut dizem da sensação de perder-se.

“(…) as ruas com nome de estados são paralelas, e seguem mais ou menos a seqüência dos estados no mapa; as q tem nome de índio cortam as de estado e são paralelas entre si. Até aí tudo bem, mas quando, por acaso eu chego numa esquina de um índio com outro índio? ESTOU PERDIDA! Deu pra entender??? EU ODEIO O CENTRO!!!”

(Daniela. 12/09/2004)

É preciso saber embaralhar-se na mistura de informações e estímulos que a experiência da grande cidade impõe. Os sentidos são “treinados” e a aventura de perder-se permite o desenvolvimento de um aprendizado que é próprio da selva da metrópole.

“(…) fiquei perdido e apavorado no centro, não tava acostumado com aquele movimento todo, mas agora já desenvolvi habilidades especiais como: pular mendigos, desviar das pessoas e dos camelos, correr atrás de ônibus, não deixar meninas tirarem foto de mim pra fazer chaveiro, (...) e por ai vai... alguém aqui tem alguma situação inusitada ou alguma cena que viu q foi engraçada ou ate mesmo perigosa?” (Fabrício. 12/09/2004)

Os fragmentos de narrativas falam do embate corporal que é necessário de atravessar o centro. Falam do corpo confrontado com o excesso que o Centro impõe: cacofonia, poluição visual, esbarrões e uma mistura de cheiros. Mais do que compor uma síntese a comunidade é evocativa, reproduz a intensidade da experiência. As falas acionam uma vivência dos cheiros associados aos lugares que, segundo os autores das postagens, “fedem”. As falas desenharam também uma cartografia dos pregões do Centro. Pela comunidade reconhecemos as expressões que ecoam pelos espaços:

“Tem uma mulher, tadinha, q fica ali na Afonso Pena em frente a copiadora brasileira, vendendo bilhete de megasena "meeega seena acumulaaada!!quiiiiinaaa!!!” (Aline. 12/12/2005)

“vai um emprestimo senhor??? essa é uma bosta, na Espirito santo tem 1,000,000 desses caras”. (Douglas. 12/12/2005)

Soma-se ao mapa dos bordões o da rua mais “podrona”; aquela que desperta mais asco e que acumula mais situações que são consideradas desagradáveis pelos participantes. A discussão gira em torno de qual é a rua mais feia, a que tem os botecos mais “copo-sujo”, a maior quantidade de pessoas feias. Aponta-se também o local onde ocorreram as situações consideradas ameaçadoras, como os assaltos que porventura sofreram ou presenciaram. A partir da realidade que vivenciaram, os indivíduos resignificam o espaço. Ao trocar estas impressões constroem um mapa simbólico que se traduz em uma forma compartilhada de apropriação.

Conclusão

As duas possibilidades aqui indicadas nos mostram como as redes se formam e desfazem, como territórios são constituídos por negociações moveis e dialógicas e como comunidades se movimentam em espaços com diferentes conformações. Estes territórios e comunidades

instituem sentidos comunicativos a partir da convergência dos sentidos que atravessam lugares que aparecem e desaparecem a partir do acionamento dos mais variados links.

As comunidades do Orkut e, mais especificamente, as postagens feitas em seus fóruns, configuram-se como outras possibilidades de realização de diálogos de públicos. De forma semelhante aos diálogos analisados anteriormente, estas são intervenções que provocam os sujeitos que experimentam o espaço do Centro a compartilhar suas impressões e opiniões e a construir sentidos e formas de apropriação. Constituem-se como espaços de expressão dos diferentes posicionamentos dos indivíduos na rede urbana do Centro. No entanto, as comunidades do Orkut, ao contrário dos diálogos estabelecidos nos tapumes e muros da cidade, não constituem ações interditas pelas regulamentações do poder público. Cada uma das comunidades, assim como as inscrições e notificações encontradas no Centro da cidade, configura-se, como um convite ao compartilhamento das experiências vivenciadas. Este movimento é organizado em torno de apropriações simbólicas dos lugares eleitos e é atualizado nas discussões travadas nas redes identificadas. Contudo, estes processos de significação não se configuram como um apelo à organização ou à intervenção para a transformação do espaço. Tanto quanto os diálogos públicos analisados anteriormente, as falas do Orkut apenas esboçam o gesto de iniciar o diálogo.

Referências bibliográficas

- ARANTES NETO, Antonio Augusto. *Paisagens Paulistanas: transformações no espaço público*. Campinas SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.
- CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e Cidadãos; conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1995.
- CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede, A era da informação: economia, sociedade e cultura, volume I*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- DELEUZE, Giles e GUATTARI, Felix. *Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- FERRARA, Lucrecia D'Alessio Ferrara. *Design em espaços*. São Paulo: Rosari, 2002.
- _____. *Cidade: Fixos e Fluxos*. Bauru, 2005. Texto apresentado no Simpósio Interfaces das representações urbanas em tempos de globalização.
- HAESBAERT, Rogério. *Territórios Alternativos*. São Paulo: Contexto, 2002.
- JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- JACQUES, Paola Berenstein. *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- SANTOS, Boaventura. *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003.
- SANTOS, Milton. *Território e dinheiro* in: Programa em pós-graduação em geografia da UFF. *Território, Territórios*. Niterói: PPGEU-UFF/ AGB - Niterói. 2002. p10.